

## UM RETRATO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO PELA SENSIBILIDADE DA ARTE

Cintia Campos Nascimento<sup>1</sup>, Ana Elisa Linhares de Meneses Braga<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho visa propor uma reflexão acerca do acervo cultural do Brasil. Traçando pontes entre o contexto histórico da obra e o momento vigente para se perceber a existência de avanços na condição do trabalhador. Além disso, se faz necessário vivificar todo conteúdo nacional que traz a identidade do povo para que a história dos antepassados não seja esquecida, e sim inspirações para novos pontos de partidas pautados na Dignidade da Pessoa humana e nos Direitos Fundamentais.

**Palavras-chave:** Cotidiano; Mão de obra; Classe Trabalhadora; Dignidade da Pessoa Humana.

### 1. Introdução

Este estudo surge da necessidade de enaltecer tantas memórias e construções históricas da classe dos trabalhadores, que são retratadas em letras de músicas, filmes e em muitos outros canais artísticos. No entanto, é comum das pessoas gostarem dessas obras e passar despercebido a mensagem subliminar que o autor quer mostrar e até mesmo o contexto que está inserido essa obra. Mediante o exposto, é singular despertar reflexões sociológicas dentre as vastidões de materiais que nos auxiliam a analisar o passado, o presente e as possíveis transformações que podem ocorrer no futuro. Essa lacuna que a história permite de as lutas de classes serem cíclicas, no sentido de avanços e retrocessos, acabam permitindo que as pessoas se tornem estáticas. Contudo, a arte incomoda e ela pode ser a engrenagem para mudar essa história.

### 2. Objetivo

O objetivo desse artigo é analisar a perspectiva do trabalhador através de um olhar artístico. E difundir uma cultura de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Sabemos o quanto a arte tem esse poder de transformação social, sendo explorada de diferentes modos, como a música, poesia, filmes, fotografias, teatro e dentre tantos mecanismos que se propagam e passam a sua mensagem. Nesse aspecto, quando se trata do homem trabalhador que vive submetido a um regime capitalista opressor, não se faltam materiais artísticos que retratem com fidelidade essa classe.

### 3. Metodologia

Considerando-se todas as verossimilhanças em que livros, letras de músicas, e pinturas podem reproduzir do cotidiano de muitos trabalhadores. O

---

1 Universidade Regional do Cariri, email: cia.campos@icloud.com

2 Graduada pela URCA, Mestre em Direito Público com área de concentração em Direito Constitucional pela Universidade Federal do Ceará- UFC, email: ana.elisa@urca.br

# XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018  
Universidade Regional do Cariri

presente estudo busca contextualizar com a realidade, utilizando a partir das revisões bibliográficas e uma análise qualitativa, levantando o seguinte questionamento: É possível relatar avanços e direitos para a classe trabalhadores na atualidade em comparação ao contexto histórico por trás das obras mencionadas?

## 4. Resultados

Uma das obras primas da literatura brasileira é o livro *Quarto de despejo*, da autora Carolina Maria de Jesus. A singularidade desse livro está no modo em que a autora descreve o seu cotidiano, pois Carolina conta a realidade da favela, as misérias, fome, o desemprego, e os costumes da época em que ela viveu, ou seja, é um diário, que caiu nas mãos de um jornalista e o mesmo publicou em formato de livro.

A história da autora passa na década de 50, onde muitos brasileiros e como ela também estavam com a perspectiva de um novo Brasil com o governo de Juscelino Kubitschek. Para eles a ideia de progresso iria chegar nos morros, favelas e cortiços em São Paulo. No entanto, Carolina transborda muitas denúncias em sua escrita em mostrar o quanto faltou e falta direitos sociais básicos para as pessoas da periferia.

O sustento dessa mulher, pobre, negra e mãe solteira era catadora de papelão e papel nas ruas, e os cadernos velhos que ela encontrava ela usava como o seu diário. O pouco dinheiro que ela recebia não era suficiente para ter o mínimo existencial, comida, roupa e sapatos. A mesma sempre tinha que abdicar desses suprimentos para comprar pelo menos um pão para os filhos não irem para a escola com fome.

Carolina trabalhava demais e mesmo assim ainda não dava conta de comprar comida; muitas vezes passava mal, tinha tonturas por causa da fome. Declara que a tontura da fome é pior que a do álcool: “A tontura do álcool nos impede de cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (JESUS, 2007, p. 45).

Em sua narrativa, Carolina convivia com uma urbanização de São Paulo que era restrita para uma camada social da cidade provida de privilégios, e do outro lado, o quarto de despejo, pois era assim que são considerados as favelas, as pessoas que são fazem parte de toda base da pirâmide que movimenta a sociedade nas costas, mas no entanto, são desprovidos de dignidade, políticas sociais, e por isso vivem à margem.

Esse retrato de exclusão social, ainda é muito fidelíssimo na vida de milhares de brasileiros que moram nos morros e convivem com o desemprego, a falta de saneamento básico, violência, fome e muita miséria. Desde a publicação do livro em 1960 a realidade sai do livro e se faz presente.

Outra reflexão se dá através da música brasileira que é rica na diversidade de assuntos, dentre estes, os temas sociais são uns dos mais produtivos. A canção "Faroeste Caboclo" da composição de Renato Russo foi escrita em 1979. Um dos contextos mais relevantes dessa canção não é o tempo, mas sim o espaço, pois esse é ponto de partida para a reflexão que está por trás dos grandes monumentos.

[...] Dizia ele: Estou indo pra Brasília  
Neste país lugar melhor não há. [...]

# XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018  
Universidade Regional do Cariri

Meu Deus, mas que cidade linda  
No Ano Novo eu começo a trabalhar  
Cortar madeira, aprendiz de carpinteiro. [...]

A utilização do espaço dessa obra é relevante no sentido em que uma capital no interior do país garantiria a soberania nacional sobre os vastos territórios despovoados e mal explorados, proporcionaria mais segurança política e, principalmente, interiorizaria o desenvolvimento, até então restrito ao litoral. (Memorial da Democracia)

Faroeste Caboclo contém um exemplo dos trabalhadores que saíram das suas cidades para Brasília, cidade essa que concentrou milhares de retirantes do Brasil inteiro para construir a cidade projetada no governo de Juscelino Kubitschek. A história se repete sempre naqueles que são enaltecidos, o suor do povo brasileiro que levantaram tantas arquiteturas em Brasília não recebe e nunca recebeu reconhecimento. Ao contrário daqueles que estavam em suas confortáveis salas e que até o hoje a história faz questão de homenagear.

Não é preciso retomar os feitos do passado para saber que até hoje os trabalhadores não são reconhecidos. Segundo relatos de notícias de um jornal local, “o trabalho era intenso, a fiscalização nula. As condições ruins e os acidentes frequentes nas obras fizeram proliferar os relatos de que corpos de trabalhadores mortos eram depositados nas colunas de concreto que sustentam três símbolos dos mais e icônicos da capital- Congresso Nacional, Esplanada dos Ministérios e Torre de TV.”

Além disso, a entrevista contextualiza com os relatos coincidem com o que foi levantado pelo pesquisador Hélio Queiroz, autor de um livro sobre a história de Brasília. Ele estimou que a construção dos prédios principais e os anexos da Esplanada dos Ministérios registrou, em média, três acidentes de trabalho por dia.

Nas perspectivas da construção de Brasília não se tem relatos se as famílias das vítimas foram indenizadas dentre acidentes ocorridos e mortes. Ademais, é fato que muitos trabalhadores se submetiam a situação degradantes de periculosidade como afirma o presidente do Clube dos Pioneiros de Brasília, Roosevelt Beltrão, chegou a Brasília em 1958, dois anos antes de a capital existir. “Havia colunas de até 12 metros nas quais os operários trabalhavam. Não tinha segurança nenhuma, eles acabavam caindo, morriam e ficavam por lá mesmo. Não dava para parar os trabalhos, por isso era tudo feito à galope”.

Diante desses casos, muitos operários trabalhavam se sacrificando fazendo horas extras chegando a trabalhar de 14 a 16 horas de jornada de trabalho para conseguir suprir as necessidades pessoais. Na atualidade, ainda é perceptível o quanto as pessoas são exploradas em trabalhos informais e formais, em situações de baixa higienização, produção elevada, falta de treinamento adequado e principalmente falta de fiscalização.

Os dados são alarmantes de acordo com o Anuário Estatístico da Previdência Social, apontaram que em 2015 em média o Brasil registra de 700 mil casos de acidentes de trabalho por ano, ocupando atualmente o 4º lugar no mundo em ocorrências de acidentes de trabalho. Além disso, mais de 2500 casos foram ocorrências de mortes. E a região sudeste é que concentra maior percentual de registros cerca de 53,9%.

## XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018  
Universidade Regional do Cariri

Outra análise musical perpassa pela voz do cantor Zé Ramalho, de composição Lucio Barbosa. A canção se chama “Cidadão”. Em um trecho a música faz uma reflexão do êxodo rural que é um dos grandes problemas sociais do país, pois muitos brasileiros saem do interior para cidade grande, em busca de condições melhores de vida.

O autor retrata a exclusão social, como os interesses capitalistas afetam diretamente a vida de cidadãos de baixa renda deixando-os à margem da sociedade. Assim, o trabalho é visto apenas como uma mercadoria e o trabalhador como uma ferramenta, uma peça da engrenagem do processo de produção. O direito de usufruir e consumir o que produz e constrói não é dado para todos na mesma proporção.

Tá vendo aquele edifício moço  
Ajudei a levantar  
Foi um tempo de aflição, era quatro condução  
Duas pra ir, duas pra voltar  
Hoje depois dele pronto  
Olho pra cima e fico tonto  
Mas me vem um cidadão  
E me diz desconfiado  
"Tu tá aí admirado ou tá querendo roubar"  
Meu domingo tá perdido, vou pra casa entristecido  
Dá vontade de beber  
E pra aumentar meu tédio  
Eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer [...]

Somando a essa realidade da letra da música, a obra Operários de Tarsila de Amaral é considerada um dos melhores registros de temas sociais no período de industrialização brasileira. A pintura trata-se de um momento histórico marcado pela migração de trabalhadores, uma classe ainda muito vulnerável e explorada, sem acesso a leis que a defendesse propriamente.

A mesma obra da a interpretação de êxodo rural, tendo em vista que foi um processo de explosão demográfica muito expressiva no Brasil e principalmente em São Paulo. Além disso, as condições precárias de trabalho sem ter órgãos protetores dessa classe, e a falta de perspectivas observadas pelas expressões gestuais das pessoas.



# XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018  
Universidade Regional do Cariri

Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (2018, documento eletrônico).

## 5. Conclusão

O processo de formação da identidade brasileira foi construída através de muita luta exploração das camadas mais pobres, tendo consigo uma tardia efetivação de direitos sociais e fundamentais. Desse modo, é relevante resgatar o que em muitos momentos da história algum artista se apropriou da sua arte para representar com sensibilidade a vida de luta daqueles que deram o seu sangue para construir o progresso, progresso esse em que os operários que ajudaram a levantar nas suas costas tantos prédios, monumentos e espaços. E inevitavelmente, o capital os usam até esgotar as suas dignidades e infelizmente, não os reconhecem e o excluem desse acesso.

E assim, está estruturado o nosso cotidiano, uma grande massa que carregam as vigas e concretos no calor de ganhar o pão de cada dia, e vivem nas friezas das relações laborais. Na contemporaneidade é perceptível avanços legislativos protetivos a essa classe, no entanto, falta sim, fiscalização e efetivação das leis trabalhistas somado com políticas públicas que garanta educação, saúde, moradia e qualidade de vida.

## 6. Referências

JESUS, Carolina Maria De. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

<<http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasil> acesso: 30 de julho de 2018

<<http://www.fundacentro.gov.br/estatisticas-de-acidentes-de-trabalho/bases-de-dados> acesso: 30 de julho de 2018

<<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22492/> acesso: 30 de julho de 2018

<<http://trabalho.gov.br/dados-abertos/estatistica-saude-e-seguranca-do-trabalho> acesso: 1 de outubro de 2018

<[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2909:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2909:catid=28&Itemid=23) acesso: 6 de outubro de 2018

<<http://www.previdencia.gov.br/2018/01/institucional-previdencia-lanca-anuario-estatistico-da-previdencia-social-2016/> acesso: 7 de outubro de 2018

<<https://www.cartacapital.com.br/economia/ibge-trabalho-informal-cresce-e-desemprego-cai-para-12-6-em-agosto> acesso; 14 de outubro de 2018

<<https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/75861/> acesso: 14 de outubro de 2018

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1635/operarios> acesso: 14 de outubro de 2018